XXVII Encontro de Iniciação à Docência

Pró-reitoria de graduação – ENID – 2025

https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/enid/index

ARTIGO SUBMETIDO AO XXVII ENID - 2025 - UFPB

ENTRE FITAS E MEMÓRIAS: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO PRÁTICA DE RECONHECIMENTO E RESISTÊNCIA

Bruno Henrique dos Santos Miranda;
Guilherme Munir Ramos Santos;
Islânia Cruz do Nascimento;
Natanael Pereira da Silva;
Lúcia Gomes Serpa.

Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)
CCTA - Centro de Comunicação, Turismo e Artes, Campus I - João Pessoa - PB

INTRODUÇÃO - Por que contar?

A Arte, enquanto linguagem formadora, ocupa papel essencial no processo educativo por favorecer a construção de sentidos, identidades e pertencimentos. No contexto escolar, a Contação de Histórias surge como uma prática potente, capaz de unir tradição, memória e formação crítica. A partir do componente curricular Contação de Histórias, estudantes do curso de Licenciatura em Teatro desenvolveram, por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), uma experiência na Escola Municipal Aruanda, na cidade de João Pessoa, levando a Arte teatral como instrumento de mediação cultural e educativa. A atividade teve como base o conto “Menina Bonita do Laço de Fita”, de Ana Maria Machado, revisitado sob um olhar crítico, com o intuito de discutir as questões étnico-raciais, o reconhecimento e o respeito às diferenças.

Essa prática pedagógica encontra respaldo em legislações que asseguram o direito das crianças ao acesso à Arte e à cultura, como previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/1996), que em seu artigo 26, §2º, determina a obrigatoriedade do ensino de Arte como componente curricular em todos os níveis da educação básica, compreendendo suas diversas expressões. Soma-se a isso a Lei nº 10.639/2003, posteriormente ampliada pela Lei nº 11.645/2008, que torna obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Indígena nas escolas, reconhecendo a importância de uma educação que valorize a pluralidade cultural do país. Além disso, o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/1990), em seu artigo 53, assegura à criança o direito de participar da vida cultural e artística, reforçando que a Educação deve promover o desenvolvimento integral e o exercício da cidadania.

Dessa forma, o presente artigo tem como objetivo analisar a relevância da Contação de Histórias como ferramenta pedagógica e artística dentro do ambiente escolar, enfatizando a importância do Teatro como linguagem viva e transformadora. Busca-se refletir sobre como ações desse tipo contribuem para o reconhecimento identitário e o fortalecimento das ancestralidades afro-indígenas, ao mesmo tempo em que propiciam espaços de diálogo e reflexão crítica entre educadores e estudantes. A Contação torna-se, assim, um ato de resistência e reexistência, onde memória, corpo e voz se unem para reafirmar que ensinar Arte é, também, ensinar humanidade.

A Contação de Histórias, a discussão sobre identidade racial e o Teatro na escola se entrelaçam como caminhos possíveis para uma educação mais crítica, inclusiva e sensível. Inspiradas nas reflexões de Lélia Gonzalez e Conceição Evaristo, as ações do projeto PIBID

Teatro reafirmam a importância de devolver às crianças o direito de narrar e ser narradas, de ver-se e reconhecer-se. A Arte, como aponta Freire, não é um adorno do ensino, mas sua essência libertadora. Teatro é jogo, no qual todos podem aprender e criar juntos, um jogo que, ao ser vivido na escola, transforma o ato educativo em experiência humana, viva e plural.

METODOLOGIA - Como a História Ganhou Vida

O presente estudo caracterizou-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, fundamentada na observação e na experiência prática vivenciada durante as ações do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). O trabalho teve como foco analisar os impactos da Contação de Histórias como recurso pedagógico, artístico e identitário no Ensino Fundamental I, mais especificamente entre turmas do 1º e 2º ano do Ensino Público. A pesquisa surgiu a partir das atividades desenvolvidas na disciplina Contação de Histórias, na qual os licenciandos em Teatro planejaram e executaram apresentações nas escolas parceiras do projeto.

O material utilizado baseou-se no conto "Menina Bonita do Laço de Fita", de Ana Maria Machado, escolhido por sua relevância literária e potencial para reflexão sobre questões étnico-raciais. No entanto, durante o processo de montagem, os participantes realizaram adaptações no texto original, retirando expressões e passagens consideradas racistas ou que pudessem reproduzir estereótipos, de modo a transformar a narrativa em uma proposta educativa crítica, inclusiva e representativa. Essa releitura foi essencial para ressignificar a história, mantendo seu valor literário, mas acrescentando novas camadas de sentido, coerentes com os princípios da Lei nº 11.645/2008, que orienta o ensino da Cultura Afro-brasileira e Indígena nas escolas.

Os procedimentos envolveram a preparação cênica, ensaios e apresentações realizadas na Escola Municipal de Ensino Fundamental Aruanda, localizada na cidade de João Pessoa - PB. As apresentações foram planejadas de forma interativa, convidando as crianças a participarem ativamente da narrativa, dialogando com os personagens. Essa dinâmica favoreceu o engajamento, o reconhecimento de si e do outro, além de estimular o pensamento crítico desde os primeiros anos da escolarização. Ao adaptar criticamente o texto e propor uma vivência teatral participativa, a metodologia reafirma o potencial da Arte como instrumento de ensino, reflexão e transformação social.

RESULTADOS E DISCUSSÕES - O Que Ficou Ecoando

Contação de Histórias: Voz, Memória e Aprendizagem

A Contação de Histórias é uma das práticas mais antigas de transmissão de saberes e memórias entre os povos. Provavelmente já existe desde os princípios dos tempos, com os primeiros seres humanos na Terra. Na África, temos o exemplo dos *griots* (ou *griôs*) - contadores de histórias, músicos, mestres de todas as cerimônias que aconteciam e acontecem em sua comunidade, eram e são os guardiões da ancestralidade em seu povo. Fazem parte de uma Tradição oral, que é transmitida através das gerações. O *griot* preserva a cultura de seu povo. No ato de contar, realizam um movimento de resistência, continuidade e pertencimento – o movimento da própria vida para eles.

A escola, enquanto espaço de formação integral, pode resgatar essa herança cultural ao reconhecer na Contação de Histórias um poderoso instrumento pedagógico e estético. No contexto educacional, a Contação vai além do simples entretenimento: ela se configura como prática mediadora entre o saber e o sentir. O ato de narrar, escutar e recriar histórias desperta a imaginação, estimula a linguagem e possibilita o desenvolvimento de valores humanos. Segundo Paulo Freire (1996, p. 47), "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção". Nesse sentido, a Contação de Histórias cria essas possibilidades ao provocar no aluno o desejo de compreender o mundo e expressá-lo de maneira crítica e sensível. O estudante também pode entrar em contato com sua própria história e ter consciência de sua própria identidade.

Contar histórias é um modo também de manter viva a memória coletiva. Lélia Gonzalez (2020, p. 105) reforça que "a valorização da memória coletiva é uma forma de resistência.

Quando lembramos e contamos nossas histórias, nós nos tornamos sujeitos da nossa própria narrativa." A Contação, portanto, é uma possibilidade profunda de reafirmar a existência de grupos historicamente silenciados, transformando a palavra em um instrumento de libertação e reconhecimento.

A prática realizada no PIBID Teatro, ao adaptar o conto "Menina Bonita do Laço de Fita", exemplifica esse movimento. A reinterpretação da história transformou um texto literário tradicional em uma Contação viva, crítica e interativa, que provoca a reflexão sobre a diversidade e o respeito às diferenças. Como ressalta Evaristo (2007, p. 21), "a nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos." Assim, a Contação torna-se um gesto político - recontar para resistir, narrar para existir.

Identidade Racial e Ancestralidade na Educação

Discutir identidade racial no espaço escolar é compreender que a Educação é também um campo de disputa simbólica, onde se constroem e se afirmam memórias, pertencimentos e resistências. Historicamente, a escola brasileira foi um espaço de reprodução de um ideal eurocentrado que desvalorizou as culturas afro-brasileiras e indígenas. Gonzalez (1984, p. 239) denuncia esse apagamento ao afirmar que "enquanto a escola continuar a reproduzir o mito da democracia racial e a ignorar a contribuição negra para a cultura brasileira, continuará sendo um espaço de alienação para nossos jovens."

A crítica de Gonzalez evidencia a urgência de repensar o currículo escolar e suas práticas pedagógicas, incorporando saberes plurais e perspectivas descolonizadoras. Sua concepção de amefricanidade propõe um pertencimento histórico e cultural que une as heranças africanas e indígenas como base da identidade latino-americana. Para a autora, "a categoria de amefricanidade aponta para a necessidade de superarmos o colonialismo mental que nega as nossas origens e de afirmarmos uma identidade que é histórica, política e cultural" (GONZALEZ, 1988, p. 70).

A Contação de Histórias, nesse contexto, surge como um dispositivo potente para o reconhecimento da própria história e da história do outro. Ao colocar em cena uma personagem negra, Menina Bonita do Laço de Fita, as crianças puderam ver-se representadas e refletir sobre as noções de beleza, pertencimento e respeito. Essas ações dialogam diretamente com o que propõe a Lei nº 11.645/2008, que inclui a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Indígena na Educação Básica. Essa lei, ao lado da LDB (Lei nº 9.394/1996), assegura o direito à Arte e à Cultura como elementos constitutivos da formação cidadã. É na concretização dessas leis, em práticas reais como o projeto do PIBID, que o discurso legal se transforma em vivência educativa, permitindo que o Teatro e a Contação de Histórias sejam instrumentos de combate ao racismo e valorização da diversidade.

Por meio dessas ações, a escola se aproxima de um modelo de Educação emancipadora, no qual as crianças aprendem a reconhecer suas origens e a respeitar a ancestralidade que as constitui. A reflexão sobre identidade racial, quando inserida de forma sensível e artística, não apenas educa, mas também cura e reconstrói memórias.

O Teatro na Escola: Espaço de Criação, Crítica e Transformação

O Teatro, enquanto linguagem artística e pedagógica, é um campo fértil para a formação de sujeitos criativos, sensíveis e críticos. Sua presença na escola é um direito garantido pela Lei nº 9.394/1996, que determina o ensino da Arte em todas as etapas da Educação Básica, comprendendo suas expressões, entre elas o Teatro. No entanto, mais do que cumprir um dispositivo legal, o ensino de Teatro é uma forma de humanizar a educação e aproximá-la das experiências vividas pelos estudantes.

Na experiência vivenciada pelo PIBID, o Teatro se apresentou como mediador entre Arte e Educação. A Contação de Histórias teatralizada não se limitou à leitura de um texto, mas incorporou gestos, sons, ritmos e interações. As crianças foram convidadas a participar, a responder, a agir dentro da cena. Essa metodologia dialoga com o pensamento freiriano, ao reconhecer o estudante como sujeito ativo na produção do conhecimento. Freire (1996, p. 69) afirma que "ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam em

comunhão, mediatizados pelo mundo.”

Desse modo, o Teatro na Escola não apenas ensina conteúdos, mas ensina o exercício da convivência, da escuta e da imaginação. Ele rompe com a lógica bancária da Educação e propõe uma aprendizagem horizontal, afetiva e compartilhada. Ao unir Contação de Histórias e Teatro, a prática desenvolvida no PIBID materializou uma pedagogia da presença, onde o corpo, a palavra e a emoção são instrumentos de conhecimento e transformação.

Imagem - 1



Contação da história de Ana Maria Machado na EMEF Aruanda

A realização da Contação de Histórias no âmbito do PIBID proporcionou uma experiência formativa rica e transformadora, tanto para os licenciandos envolvidos quanto para as crianças participantes. O contato direto com o ambiente escolar possibilitou observar, na prática, como o Teatro e a Literatura podem se tornar mediadores de reconhecimento, resistência e construção identitária. A adaptação do conto “Menina Bonita do Laço de Fita”, de Ana Maria Machado, surgiu de uma necessidade pedagógica e ética: ressignificar um texto literário bastante conhecido, mas que carrega em sua linguagem marcas de uma visão eurocentrada e estereotipada sobre negritude e diferença.

Ao reinterpretar a obra sob um viés crítico, buscou-se valorizar o protagonismo da menina negra e reforçar a mensagem de que ser diferente não é errado, mas parte constitutiva da diversidade humana. Nesse sentido, o projeto realizou uma prática política e pedagógica coerente com os princípios da Educação libertadora de Paulo Freire, para quem o ensino deve partir da realidade dos sujeitos e promover a conscientização crítica.

Imagem - 2



Contação de Histórias na EMEF Aruanda - 2025.

A Contação de Histórias, ao unir corpo, voz e narrativa, configura-se como um espaço de troca e diálogo entre educadores e educandos. Na atividade realizada, as crianças não eram apenas espectadoras, mas atuavam dentro da narrativa, interagindo, respondendo e participando ativamente da cena. Essa metodologia colaborativa permitiu que as crianças se reconhecessem no espaço escolar como sujeitos ativos e criadores.

Durante as rodas de conversa realizadas após as apresentações, emergiram falas e reflexões que evidenciaram a potência transformadora da Arte. As crianças expressaram identificação com a personagem principal, destacando aspectos como o cabelo, o tom de pele e o desejo de serem valorizadas por suas características singulares. Essa dimensão afetiva reforça o que Lélia Gonzalez aponta ao discutir o apagamento histórico da população negra e indígena e a urgência de recontar nossas próprias histórias a partir de uma perspectiva amefricana. Para Gonzalez, a memória coletiva é um ato de resistência, e a amefricanidade é uma forma de reapropriar-se da própria narrativa e de afirmar uma identidade política e cultural.

Imagem - 3



Conversa depois da Contação de Histórias na EMEF Aruanda.

Ao transformar uma leitura tradicional em uma experiência cênica interativa, os licenciandos realizaram uma prática de “escrevivência”, conceito desenvolvido por Conceição Evaristo (2007). No contexto da escola, essa “escrevivência” ganha corpo e voz, convidando as

crianças a se reconhecerem como protagonistas de suas próprias histórias e a refletirem criticamente sobre o mundo ao seu redor.

Os resultados também apontam para a importância do acesso à Arte como direito garantido. O Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/1990) assegura o direito à Cultura, à Arte e à liberdade de expressão, reafirmando que a formação integral deve incluir experiências estéticas e sensíveis. A inserção do Teatro e da Contação de Histórias na rotina escolar contribui para esse desenvolvimento pleno, oferecendo às crianças um espaço de experimentação, imaginação e reflexão, dimensões muitas vezes negligenciadas em currículos rigidamente conteudistas.

Imagem - 4



Conversa depois da Contação de Histórias na EMEF Aruanda.

A experiência evidenciou ainda o potencial da Arte para a formação de valores éticos e sociais. Ao tratar de temas como respeito, diversidade e empatia, a Contação de Histórias favorece uma aprendizagem significativa, que ultrapassa os limites do conteúdo formal e se estende à vida cotidiana. Como afirma Freire (1996, p. 45), “ensinar exige a corporeificação das palavras pelo exemplo”. Nesse sentido, o Teatro, com sua dimensão vivencial, torna-se uma pedagogia encarnada, em que o corpo fala, aprende e transforma.

Além disso, a presença do Teatro nas escolas reafirma a importância da Arte como linguagem e não apenas como atividade complementar. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996) estabelece, em seu artigo 26, que o ensino da Arte deve constituir componente curricular obrigatório, compreendendo suas expressões regionais e culturais. No entanto, na prática, ainda se observa a negligência desse campo, o que torna projetos como o PIBID essenciais para reafirmar o lugar da Arte como área de conhecimento.

Do ponto de vista metodológico e formativo, a experiência também proporcionou aos licenciandos uma compreensão mais ampla do papel docente no ensino das Artes. O contato com a escola, com as crianças e com as questões sociais que emergem do cotidiano escolar contribuiu para o desenvolvimento de uma postura mais crítica e sensível.

Por fim, a Contação de Histórias revelou-se um ato político de (re)existência. Em um contexto de avanço tecnológico e crescente distanciamento das práticas culturais tradicionais, o ato de narrar, ouvir e vivenciar histórias coletivamente torna-se um gesto de resistência

contra o esquecimento e a homogeneização cultural. Como os griots da África Ocidental, guardiões da memória e da história de seus povos, os educadores e artistas tornam-se mediadores de um saber ancestral que se renova a cada encontro. Assim, o Teatro na escola não pode ser considerado apenas uma possibilidade didática, mas um território de memória, afeto e transformação.

Em síntese, os resultados indicam que a Contação de Histórias, quando articulada ao Teatro e sustentada por um olhar crítico e inclusivo, contribui significativamente para a formação estética, ética e cidadã das crianças. Ela possibilita a construção de identidades plurais, o fortalecimento de laços comunitários e o despertar de uma consciência histórica e cultural. Nesse processo, Arte e Educação se entrelaçam, reafirmando que ensinar Arte é, acima de tudo, ensinar humanidade.

Imagem - 5



Contação de Histórias na EMEF Aruanda - 2025.

CONSIDERAÇÕES FINAIS - E Assim Seguimos Contando...

A experiência desenvolvida na Escola Aruanda evidencia que a Contação de Histórias é um potente instrumento pedagógico capaz de unir Arte, afeto e formação crítica. Ao revisitar o conto “Menina Bonita do Laço de Fita” sob uma perspectiva antirracista, foi possível criar um espaço de escuta e diálogo em que as crianças se reconheceram nas narrativas, e também puderam repensar suas próprias identidades e o modo como veem o outro. A partir da intervenção artística, os alunos foram convidados a enxergar a diferença como potência e não como barreira, reafirmando a importância da Arte enquanto ferramenta de transformação social e emancipação.

Como destaca Gonzalez (1988), “a amefricanidade aponta para a necessidade de superarmos o colonialismo mental que nega as nossas origens”. Essa superação se faz presente quando, dentro do ambiente escolar, abrimos espaço para as histórias que antes foram silenciadas. A Contação, nesse sentido, não é apenas uma atividade lúdica, mas um gesto político e educativo que reconhece a ancestralidade, a pluralidade e a importância da memória coletiva.

Além disso, a ação reafirma o papel do Teatro e da oralidade na Educação Básica como meios de aprendizado sensível e colaborativo. O envolvimento das crianças com a cena, suas reações espontâneas e a reflexão posterior demonstram que o ensino das Artes deve estar integrado à formação cidadã. A Contação torna-se um espaço de resistência e de reescrita das narrativas que moldam nossa sociedade.

Portanto, o trabalho reafirma a urgência de se pensar a Educação a partir de práticas culturais que valorizem as identidades e as diferenças, garantindo que as crianças cresçam conscientes de sua história, de suas vozes e de seus direitos. A Arte, nesse processo, deixa de ser um complemento e se torna um caminho, um meio de aprender, sentir e existir no mundo.

REFERÊNCIAS

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, M. A. (Org.). Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Maza Edições, 2007.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Organização de Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: Ciências Sociais Hoje. São Paulo: ANPOCS, 1984. p. 239.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, v. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988.

MACHADO, Regina. Acordais. Fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias. São Paulo: DCL, 2004.

MATOS, Gislayne Avelar. A palavra do contador de histórias. São Paulo: Martins Fontes, 2005.